

SHOPPING CENTERS: INSTITUCIONALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO SOCIAL DE INFÂNCIA NO CONTEMPORÂNEO

Leandra Fernandes Resende

Acadêmica do Curso de Graduação em Educação Física da UFMG.
Bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET- Educação Física e Lazer (SESu-MEC).

RESUMO

Apresento neste texto o projeto de pesquisa que desenvolvo no Programa de Educação Tutorial do Curso de Educação Física da UFMG. O estudo tem como foco a infância contemporânea e tem como lócus de investigação os shopping centers, tomados como uma instituição que participa de forma significativa na construção de representações e discursos sobre as crianças. Procuro, ainda, reconhecer experiências de lazer das crianças nesse espaço. Focalizo os shoppings como signo por excelência do contemporâneo, que tem nas relações de consumo elementos que condicionam a construção social da infância na atualidade.

ABSTRACT

In this text I present the research project that I have been develop on tutorial education program part of UFMG's Physical Education. It has the contemporary childhood as the object and the shopping's centers as the space of investigation taken like the institution that significantly participate on the construction of representation about children. We seize the recognition of children's leisure experiences at this place that has in consumption relations the elements that allow the condition of the social construction of childhood at present time.

RESUMEN

En este texto yo presento el proyecto de pesquisa que desarrollo en el programa de educación tutorial de Educación Física da UFMG. Este tiene como foco la infancia contemporánea y los centros comerciales, pegados como una institución que tiene una participación significativa en la construcción de representaciones sobre los niños. Nosotros buscamos reconocer experiencias de recreo de los chicos en este espacio, que tiene en las relaciones de consumo, elementos que condicionan la construcción social de la niñez en la actualidad.

APRESENTAÇÃO

A partir da participação no Projeto Brincar, projeto de extensão da Escola de Educação Física da UFMG, o tema da infância surgiu como problema de pesquisa, assunto que já me interessava para atuação prática. A partir das discussões e das leituras, fui percebendo o quanto este tempo da vida vêm se transformando. Segundo Castro (1998), ser criança ou adolescente neste final de século significa constituir-se a partir das condições singulares, tanto históricas como políticas e culturais que hoje se tornaram presentes e significativas no nosso cotidiano. O contemporâneo constitui o recorte histórico, cultural e político escolhido para compreender a infância.

Neste contexto, cabe problematizar como nós adultos iremos compreender as crianças, uma vez que elas estão sendo formadas em condições tão diferentes daquelas do nosso tempo? Tal questão torna-se fundamental quando se pensa, particularmente na formação dos profissionais que irão lidar cotidianamente com estes sujeitos. A compreensão das crianças na contemporaneidade e das instituições nas quais elas fazem parte, podem lançar luzes que nos possibilite aproximar de suas novas realidades relacionais e contextos de significação.

O que é ser criança nos dias de hoje? Como as relações de consumo estão interferindo, ou até mesmo regendo o comportamento das crianças. Perguntas como essas expressam o meu desejo de compreender como se estabelecem as relações entre a infância e a sociedade contemporânea. Neste trabalho proponho investigar a experiência de lazer das crianças em uma grande metrópole como Belo Horizonte. Os Shoppings aparecem nesse estudo como parte de uma nova ordem social que reconstrói a organização, os significados e os destinos da cidade e, porque não dizer, da infância. Constitui-se fundamental compreender, na espacialidade urbana contemporânea, a presença, a participação, as formas de convivência, os signos, os ritos que produzem uma infância inserida em uma nova ordem simbólica. Uma vez que, atualmente, a institucionalização das crianças não se reduz à família e à escola, reafirmo a importância de compreender qual o lugar que os shoppings ocupam na vida das crianças, particularmente, significadas por uma nova cultura do consumo?

Conforme Magnani (1997), o estudo das modernas sociedades nacionais traz novos desafios e problemas para a pesquisa e reflexão antropológicas. Dessa forma, percebo a antropologia como meio de discussão do tema contemporaneidade. No que diz respeito às metodologias de pesquisa com e sobre as crianças, Sarmiento e Pinto (1997, p.25) afirmam que, para apreender e interpretar a voz das crianças, os estudos etnográficos e a observação participante expressam-se como método e técnica mais adequados para compreender a alteridade e a diversidade da infância. Além disso, constituem um princípio metodológico para que o investigador adulto não projete seu olhar sobre as crianças, problematizando aquilo que é reflexo do conjunto dos seus próprios preconceitos, representações e adultocentrismos. Por buscar a compreensão da infância e tendo como recorte o shopping center, inspiro-me no olhar antropológico para compreender o contexto urbano contemporâneo. Tais questões solicitam reflexões de cunho tanto teórico quanto empírico, procurando compreender em que medida uma apropriação da infância como construção social pode contribuir e promover articulações fecundas e necessárias com as ciências humanas. Como ressaltam Souza (2000), Amorim (2001) e Castro (2001), uma questão importante é o foco da análise na relação entre adultos e crianças, que é, por natureza, *alteritária* e requer que a compreensão das presenças sociais não se dê de forma isolada. Dessa forma, pensar a inserção social e cultural da infância implica, também, problematizar as condições de vida e as experiências dos adultos.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Durante muito tempo, conforme destaca Micarello (2005) a infância foi considerada como uma fase, na qual tudo lhe devia ser ensinado, confirmado pela idéia da tabula rasa, momento em que os adultos, pais e professores deveriam atuar, colocando valores e normas, para um ser desprotegido, que precisa de cuidados; em outro momento foi tida como *in-fans*, aquele que não fala, que não tem voz, no sentido de opinião, que não participa da sociedade. Outra corrente considerava a criança como um *vir a ser*, ilustrado pela idéia da semente, do sujeito que deve ser moldado, e que um dia se tornará um adulto. Hoje, trabalhamos com a idéia da infância como construção histórica e social, apresentado e comentado pelas autoras Maria

Cristina Soares Gouvêa (2002) e Lúcia Rabelo de Castro (1998). Essa nova visão, que foi trazida a partir da década de 70, mostra que este sujeito ocupa um lugar diferente do adulto, por isso deve ser estudado com especificidade e deve ser considerado como um sujeito que não só apreende o mundo, através da imitação, da imaginação e da repetição; mas que também lhe dá significação, e que reflete as mudanças que ocorrem na sociedade. Micarello (2005) afirma essas idéias dizendo que os estudos contemporâneos sobre a infância enfatizam que a criança é um sujeito social, que possui história e que, além disso, é produtora e reprodutora do meio no qual está inserida, atuando, portanto como produtora de história e cultura. Ou seja, estes conceitos permitem a compreensão de que não existe uma infância padrão, um modelo ideal, mas pelo contrário que se configura é a existência de uma multiplicidade de infâncias que são marcadas pela época histórica, pela inserção social e principalmente pela cultura. Sarmiento e Pinto (1997) ilustram, afirmando que a infância não é uma experiência universal de qualquer duração fixa, mas é diferentemente construída, exprimindo as diferenças individuais relativas à inserção de gênero, classe, etnia e história. Distintas culturas, bem como as histórias individuais, constroem diferentes mundos da infância.

Assim, atualmente, dentro de uma sociedade capitalista, baseada no consumo, a infância que vêm se configurando é uma infância de classe média que deseja comprar, que quer fazer parte dessa indústria, que se propaga através da forte influência dos meios de comunicação de massa, mais notadamente a televisão, Castro(1998) confirma: “as crianças e jovens são, hoje, filhos da tecnologia, da mídia e da massificação da cultura”.Mais uma vez, este trabalho a partir dessa visão da infância como construção social têm nessa etapa da vida os sujeitos a serem investigados e contexto atual, contemporâneo como o recorte histórico.

Então, pensar esse contemporâneo configura-se como ferramenta fundamental para compreensão do tema. Larossa (2002) traz uma profunda reflexão sobre isso ao comentar sobre a idéia de experiência. Afirma que o sujeito contemporâneo passa por uma série de coisas, nessa lógica da velocidade; que o indivíduo assiste a uma série de informações e notícias; cumpre inúmeros compromissos e eventos, mas ao mesmo tempo que isso ocorre nada os acontece, ou seja, essas tarefas e atividade as quais eles foram submetidas não são experiências, na medida em que elas não os tocam, não produzem transformações. Ainda refletindo ele explica quais as razões para esse fato. Em primeiro lugar é devido ao excesso de informação, para que as pessoas fiquem cada vez mais sobrecarregas com elas e assim, cancelem suas possibilidades de vivências. Nesses casos o que vale mais é a quantidade, não adianta estar informado, você tem que saber o maior número possível de coisas e isso é incompatível com a idéia de experiência, na qual cada coisa será sentida, e produzirá sentido. Tem um trecho de uma música, Tianastácia (2004), que ilustra essa situação: *Cabeça vazia, cheia de informação*¹...Retomando o texto de Larrosa ele coloca que o segundo aspecto da contemporaneidade que impede o sujeito de experienciar as coisas é a opinião, pois o indivíduo, assim que recebe as informações, se sente compelido a opinar sobre elas, e o faz de forma automática sem refletir sobre o que se está indo contra ou a favor. O que vejo como maior problema da opinião é que muitas vezes pelo fato de trazerem aspectos subjetivos, os indivíduos acreditam que entendem de tais assuntos e que estão sendo críticos, mas não percebem que estão apenas reproduzindo idéias e conceitos que foram colocados para eles.

Em terceiro lugar, o que contribui é a falta de tempo, marca típica do século XXI, no qual todos estão sempre correndo, e como colocado por Pereira(2002) numa época marcada pela velocidade; somados, ao final do dia, mais afazeres do que de fato ele comporta e com isso,

¹ TIANASTÁCIA *Fora De Controle*. IN: Tianastácia Na boca do sapo tem dente. EMI, 2004

acalentamos as frustrações das experiências não vividas, e assim, vamos protelando-as para outro tempo, que nem sabemos se virá, pois talvez nem uma vida inteira seria o bastante para vive-las todas. Nesse ritmo incessante, inaugurado pelo modo de produção capitalista vivemos pautados na dispersão, na simultaneidade e na superficialidade, tanto das vivências e experiências, quanto das relações humanas. As vivências são instantâneas, pois no momento seguinte já esmos sendo atraídos por outros estímulos. Estímulos que trazem sensações fugazes e efêmeras, que impedem a memória, uma vez que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro, não permitindo deixar qualquer vestígio. Ao sujeito contemporâneo tudo choca, tudo passa, mas nada lhe acontece. Assim, o sujeito moderno não só esta informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidade, um curioso impertinente, eternamente insatisfeito. Antunes(2006) afirma que essa busca no consumo(ilimitado) reflete a tentativa de um preenchimento simbólico de uma vida desprovida de sentido autenticamente humano e social

Em meio a tudo isso estão os nosso sujeitos sociais, as crianças, que hoje já fazem parte dessa lógica, que cada vez mais têm horários a cumprir, que cada vez mais acreditam ter opinião própria. Convergem então para o espaço, signo por excelência do contemporâneo, os shoppings centers, locais que reúnem ao mesmo tempo tudo que os indivíduos precisam: segundo Padilha (2006), diferentes mercadorias a serem consumidas (alimentos, roupas e acessórios, perfumes, discos, livros), serviços (correios, bancos, salões de beleza, agências de viagem e opções de lazer (cinema, jogos eletrônicos), bem como as experiências culturais disponíveis (exposições, apresentações musicais).

Parto da compreensão que este centro comercial é, hoje, uma das instituições que faz parte da formação desses sujeitos, não mais só a família e a escola participam da construção da infância, mas também a televisão, a internet e os shoppings.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro*. Bakhtin e as ciências humanas. Rio de Janeiro: Musa, 2001.
- ANTUNES, R. Introdução In: PADILHA, V. Shopping center a Catedral das mercadorias. Boitempo, 2006
- CASTRO, L. R.de. *Uma teoria da infância na contemporaneidade*. IN: CASTRO, L. R. de. (org) *Infância e adolescência na cultura do consumo*. Rio de Janeiro: NAU, 1998.
- CASTRO, Lúcia Rabello de. Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In: CASTRO (Org.). *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: Nau/FAPERJ, 2001.
- GOUVÊA, M. C.S *Infância, sociedade e cultura*.IN: CARVALHO, A.; SALES, F.;
- GUIMARÃES, M.(org) *Desenvolvimento e Aprendizagem*. Belo Horizonte: UFMG, 2002
- LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, 2002
- MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In. *Revista de Antropologia* , vol. 40 n.2. São Paulo,1997.
- MICARELLO, A. L. S.; DRAGO, R. *Concepções de infância e educação Infantil: Um universo a conhecer*.In: KRAMER, S.(org) *Profissionais de Educação Infantil: gestão e formação*. São Paulo: Ática, 2005.
- PEREIRA, R. M. R.*Tudo ao mesmo tempo agora: Considerações sobre a infância no presente*.In: GONDRA, J. G.(org) *História, Infância e escolarização*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.(149-167)

PADILHA, Valquíria. *Shopping center: a catedral das mercadorias*. São Paulo, Boitempo, 2006

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (coord). *As Crianças: contextos e identidades*. Coleção infans – Centro de estudos da criança. Universidade do Moiminho. 1997.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M. SARMENTO, M. J. (coord). *As Crianças: contextos e identidades*. Coleção infans – Centro de estudos da criança. Universidade do Moiminho. 1997.

SOUZA, Solange Jobim. *Subjetividade em questão: a infância com crítica da cultura*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2000.

Leandra Fernandes Resende

Rua Coronel Pedro Jorge, 110 Prado Belo Horizonte 30410-350

leandralibra@hotmail.com